



Arquétipos junguianos na geração Z: uma reflexão hermenêutica sobre manifestos simbólicos na cultura digital

Silvia Regina Bergantin Muñoz¹

Marcello de Santis Almeida Mazalli¹

Márcia Cristina dos Reis¹

¹Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo/SP, Brasil.

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão hermenêutica sobre possíveis manifestações dos arquétipos junguianos na psique da chamada geração Z, considerando as pressões socioculturais do mundo “BANI” e da sociedade do cansaço. A partir de indicadores obtidos por meio de um questionário digital aplicado junto a jovens de 18 a 30 anos, utilizados não como evidências empíricas de arquétipos, mas como disparadores interpretativos, desenvolveu-se uma amplificação teórica ancorada na psicologia analítica. Os padrões simbólicos observados dialogam com complexos como *persona*, *sombra*, *Self*, *anima/animus*, *puer aeternus* e *trickster*, sugerindo formas contemporâneas de expressão psíquica mediadas pela hiperconectividade. Argumenta-se que a cultura digital funciona como catalisadora de imagens arquetípicas, influenciando processos de subjetivação, identidade e busca por sentido entre jovens nativos digitais. Este trabalho ressalta a necessidade de uma clínica sensível às novas dinâmicas simbólicas emergentes e aponta limites inerentes ao uso de indicadores conscientes para reflexões sobre estruturas inconscientes.

Descritores: psicologia junguiana, complexo, inconsciente coletivo, jovens.

Conflitos de interesses:

Os autores declaram não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 16 dez 2025; Última revisão: 23 fev 2026; Aprovado: 24 mar 2026; Aprovado para publicação: 28 jul 2026.

Jungian Archetypes in Generation Z: A Hermeneutic Reflection on Symbolic Manifestations in Digital Culture

Abstract

This essay proposes a hermeneutic reflection on the possible manifestations of Jungian archetypes in the psyche of the so-called Generation Z, taking into account the sociocultural pressures of the "BANI" world and the burnout society. Based on indicators obtained from a digital questionnaire administered to young people aged 18 to 30, not as empirical evidence of archetypes but as interpretive triggers, a theoretical amplification anchored in analytical psychology was developed. The symbolic patterns observed engage in dialogue with complexes such as the persona, the shadow, the *Self*, *anima/animus*, the *puer aeternus*, and the *trickster*, suggesting contemporary forms of psychic expression mediated by hyperconnectivity. Digital culture, this article argues, catalyzes archetypal images, shaping processes of subjectivation, identity formation, and the search for meaning among digitally native youth. This work highlights the need for a clinical practice sensitive to emerging symbolic dynamics and points to the inherent limits of using conscious indicators to reflect on unconscious structures.

Descriptors: Jungian psychology, complex, collective unconscious, youth.

Arquetipos Junguianos en la generación Z: una reflexión hermenéutica sobre manifiestos simbólicos en la cultura digital

Resumen

Este ensayo propone una reflexión hermenéutica sobre posibles manifestaciones de los arquetipos Junguianos en la psiquis de la denominada generación Z, considerando las presiones socioculturales del mundo "BANI" y de la sociedad del cansancio. A partir de indicadores obtenidos mediante un cuestionario digital aplicado en jóvenes de 18 a 30 años, utilizados no como evidencias empíricas de arquetipos, sino como disparadores interpretativos, se desarrolló una amplificación teórica anclada en la psicología analítica. Los patrones simbólicos observados dialogan con complejos como persona, sombra, *Self*, *anima/animus*, *puer*

aeternus y *trickster*, sugiriendo formas contemporáneas de expresión psíquica mediadas por la hiperconectividad. Se argumenta que la cultura digital funciona como catalizadora de imágenes arquetípicas, influenciando procesos de subjetivación, identidad y búsqueda de sentido entre jóvenes nativos digitales. Este trabajo subraya la necesidad de una clínica sensible a las nuevas dinámicas simbólicas emergentes y apunta a límites inherentes al uso de indicadores conscientes para reflexiones sobre estructuras inconscientes.

Descritores: psicologia junguiana, complejo, inconsciente colectivo, jovens.

Introdução

Este artigo discute, em perspectiva hermenêutico-junguiana, como a psique da chamada geração Z pode ser compreendida a partir dos desafios simbólicos e emocionais impostos pelo contexto contemporâneo. Inseridos que Cascio (2020) definiu como mundo “BANI” – sigla em inglês para “brittle” (fragilidade), “anxious” (ansiedade), “non-linear” (não linearidade) e “incomprehensible” (incompreensível) – e na sociedade do cansaço (Han, 2015), os jovens nativos digitais desenvolvem estratégias de adaptação e expressão subjetiva atravessadas pela hiperconectividade, pela visibilidade constante e por exigências identitárias crescentes.

Partindo dos fundamentos da psicologia analítica, compreende-se que arquétipos, como persona, sombra, Self, anima/animus, puer aeternus e trickster, constituem imagens simbólicas que ajudam a interpretar padrões culturais e emocionais recorrentes. Tais estruturas não se reduzem a comportamentos observáveis, mas se manifestam por meio de narrativas, imaginários, tensões afetivas e dinâmicas relacionais que atravessam o sujeito e a sociedade. Nesse sentido, os fenômenos vividos pela geração Z – a curadoria constante da imagem, a busca por autenticidade, a fluidez identitária, o humor como mediação psíquica e a criatividade instaurada como modo de existência – podem ser lidos simbolicamente como atualizações contemporâneas dessas imagens primordiais.

Considerando a intensificação do sofrimento psíquico entre jovens, evidenciada pelo aumento de quadros de ansiedade, depressão e esgotamento emocional (Twenge, 2017; World Health Organization [WHO], 2021), mostra-se relevante compreender como tais experiências articulam-se com padrões simbólicos mais profundos. A articulação entre cultura digital, subjetividade e imaginário coletivo permite reconhecer como processos psíquicos ancestrais se atualizam no ambiente tecnológico e sociocultural

contemporâneo, influenciando a construção de identidade, sentido e pertencimento.

Diante dessas transformações socioculturais e simbólicas, é fundamental aprofundar a compreensão dos modos pelos quais a geração Z elabora sua experiência psíquica no contexto da hiperconectividade. A psicologia analítica oferece uma lente, que possibilita iluminar tais processos, articulando imagens arquetípicas e fenômenos contemporâneos de forma integrada, permitindo reconhecer como tensões e recursos subjetivos se expressam e se reconfiguram no cotidiano dessa geração.

Ao explorar a dinâmica dos complexos que habitam a psique da juventude digital, este estudo propõe um mergulho nos paradigmas que moldam a subjetividade geracional, analisando suas expressões simbólicas e refletindo sobre o papel do inconsciente coletivo diante dos dilemas contemporâneos.

Metodologia

Trata-se de um estudo de natureza exploratória e qualitativo-interpretativa, que se fundamenta na hermenêutica junguiana e na análise de conteúdo. A pesquisa foi realizada com participantes com idades entre 18 e 30 anos, a fim de se obter autonomia na adesão à investigação. O instrumento primário de coleta de dados foi um questionário semiestruturado, aplicado digitalmente pela plataforma Google Forms, alinhando-se à natureza nativa digital dos participantes (Tabela 1). O questionário tinha 22 questões, estruturadas para abordar diferentes aspectos: as questões de 1 a 20 apresentaram afirmações projetadas para evocar respostas relacionadas aos complexos, nas quais o participante graduava sua concordância (escalas Likert); as questões 21 e 22 focaram no nível de consciência prévia sobre a teoria junguiana e na identificação explícita com os arquétipos apresentados.

Em estrita observância aos preceitos éticos e acadêmicos, a pesquisa foi conduzida sob as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE 90311525.2.0000.5492). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital, assegurando o anonimato, a confidencialidade dos dados e o direito de desistência a qualquer momento sem prejuízo, sendo a coleta de dados validada mediante assinatura eletrônica (aceite digital) dos envolvidos.

Finalmente, a análise dos dados seguiu um modelo híbrido. Inicialmente, realizou-se uma pré-análise, com leitura flutuante para identificação de temas centrais. Posteriormente, as respostas foram categorizadas por agrupamentos temáticos. Por fim, os

dados foram submetidos à amplificação simbólica junguiana, cruzando as frequências estatísticas com os conceitos teóricos de arquétipos e os modelos socioculturais para extrair o significado psicológico profundo das tendências observadas. Dessa forma, a presente abordagem situa-se no campo dos estudos reflexivos, valendo-se de indicadores fenomenológicos apenas como ponto de partida e não como base para inferências empíricas acerca de estruturas arquetípicas.

Tabela 1. Questionário aplicado junto aos participantes da pesquisa

Instrumento: as manifestações dos complexos junguianos na geração Z	
Q1	Gosto de assumir o controle das situações e tomar decisões importantes.
Q2	Sinto prazer em ajudar os outros, mesmo que isso me traga algum prejuízo pessoal.
Q3	Estou sempre em busca de aventuras e novas experiências.
Q4	Acredito que o amor verdadeiro é a coisa mais importante da vida.
Q5	Costumo desafiar regras que considero injustas.
Q6	Tenho facilidade em fazer as pessoas rirem, mesmo em momentos difíceis.
Q7	Busco constantemente entender o significado mais profundo das coisas.
Q8	Acredito que cada pessoa tem o poder de transformar sua realidade.
Q9	Prefiro viver com simplicidade, sem muitas complicações.
Q10	Sinto-me motivado a enfrentar desafios e superar obstáculos.
Q11	Sou movido por ideias criativas e gosto de construir coisas únicas.
Q12	Sinto que não me encaixo nos padrões impostos pela sociedade.
Q13	Gosto de planejar o futuro com organização e liderança.
Q14	Costumo ser o "ombro amigo" para quem precisa de apoio emocional.
Q15	Sinto-me inquieto quando estou preso na rotina.
Q16	Acredito que o humor é uma forma de lidar com a vida.
Q17	Valorizo o conhecimento e estou sempre lendo ou estudando algo novo.
Q18	Tenho facilidade em sonhar e imaginar mundos diferentes.
Q19	Evito conflitos e busco sempre ver o lado bom das pessoas.
Q20	Sinto que tenho uma missão importante a cumprir no mundo.
Q21	Você já ouviu falar dos arquétipos de Jung?
Q22	Com qual dos arquétipos você se identifica?

Fonte: elaborada pelos autores (2025).

Fundamentos da psicologia analítica sobre arquétipos e complexos

A psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, propõe que a psique humana é composta por dimensões conscientes e inconscientes, sendo esta última estruturada por arquétipos, entendidos como padrões simbólicos universais que organizam a

experiência subjetiva (Jung, 1964). Diferentemente dos complexos, que são formações psíquicas carregadas de afetos e constituídas na história pessoal do indivíduo, os arquétipos pertencem ao nível mais profundo da psique e expressam formas universais de experiência. Essa abordagem diverge do modelo psicanalítico freudiano, ao enfatizar o processo de individuação: a integração dos opostos psíquicos em direção à totalidade do ser (Stein, 1998).

O conceito de inconsciente coletivo, central na teoria junguiana, refere-se a um substrato psíquico comum à humanidade, que contém formas universais de percepção e comportamento herdadas da experiência ancestral da espécie (Jung, 1959). Trata-se de uma camada profunda da mente, distinta do inconsciente pessoal, que se manifesta por meio de mitos, sonhos, símbolos culturais e narrativas arquetípicas (Henderson, 1964).

Os arquétipos, segundo Jung (1964), são imagens primordiais ou estruturas universais, que organizam a vida psíquica e influenciam padrões de comportamento, emoção e pensamento. São expressões simbólicas que emergem espontaneamente em diferentes culturas e épocas, revelando aspectos profundos da condição humana. Em diálogo com as neurociências, Knox (2003) interpreta os arquétipos como matrizes emergentes de padrões relacionais e neurais, sugerindo que essas estruturas possuem base biológica e evolutiva, além da sua dimensão simbólica.

A compreensão dos arquétipos e do inconsciente coletivo oferece uma lente interpretativa potente para analisar os fenômenos psíquicos da juventude contemporânea, especialmente em contextos digitais em que símbolos, imagens e narrativas circulam de forma acelerada e globalizada. Essa perspectiva será aprofundada com foco nas manifestações arquetípicas da geração Z.

Nesse contexto, é possível compreender os complexos como formações estruturadas no inconsciente pessoal, derivadas não de padrões universais, mas de experiências emocionalmente intensas e, muitas vezes, conflitivas. Como afirma Jung:

O que é, portanto, cientificamente falando, um "complexo afetivo"? É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, se comporta, na esfera do consciente, como um *corpus*

alienum corpo estranho, animado de vida própria (Jung, 1954-1958/2000, p. 20, para. 210).

Portanto, segundo Jung, os complexos constituem núcleos psíquicos autônomos, formados quando a consciência não consegue integrar plenamente uma experiência carregada de afeto. Por estarem em descompasso com a atitude habitual do ego, esses núcleos mantêm certo grau de autonomia, podendo emergir em lapsos, reações exageradas, padrões relacionais repetitivos ou imagens oníricas. Assim, enquanto os arquétipos fornecem a estrutura universal da experiência humana, os complexos representam a atualização singular, biográfica e emocional desses padrões na vida psíquica de cada indivíduo.

Resultados

O universo amostral contou com uma média de 25 participantes respondentes por questão (Q1-Q22), e a seleção foi feita segundo critérios de acessibilidade e adesão voluntária, caracterizando uma amostra não probabilística e qualitativamente significativa para a identificação de padrões simbólicos recorrentes. O Gráfico 1 apresenta a relação de idade dos participantes da pesquisa e o Gráfico 2, a distribuição por gênero.

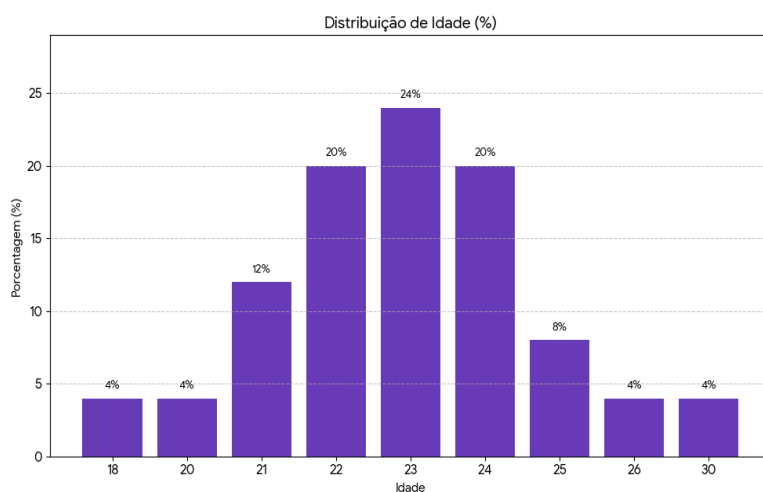


Gráfico 1. Distribuição de idade (%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A amostra apresentou uma predominância expressiva do gênero feminino, que correspondeu a 88% do total – 12% dos participantes se autodeclararam mulheres cisgênero e as demais como do

gênero feminino –, em comparação com o gênero masculino (12%). No que tange à distribuição etária, observou-se uma maior concentração de participantes com 23 anos (24%), seguidos por participantes com 22 e 24 anos, ambas as idades representando 20% do total.

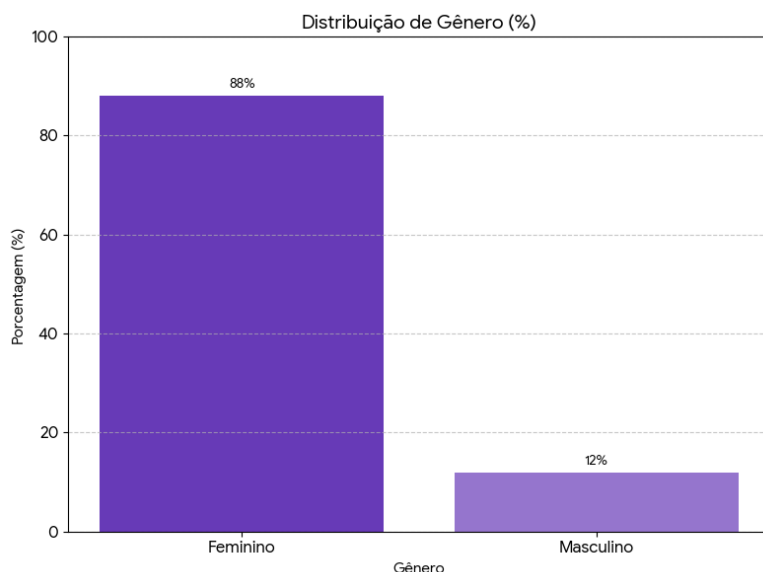


Gráfico 2. Distribuição de gênero (%)
Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Seguindo a lógica de agrupamento arquetípico, apresenta-se primeiramente os resultados pelos indicadores associados à persona. Nessa dimensão, 70% dos participantes concordaram com afirmações ligadas à liderança e ao controle (Q1), o que reflete a função adaptativa e pública da persona, responsável por organizar a forma como o indivíduo se apresenta socialmente. A busca por novidades (Q3), com 74% de adesão, reforça a orientação para estímulos externos, típica desse complexo. Da mesma forma, o prazer em ajudar terceiros (70%, Q2) representa a faceta socialmente valorizada da persona; enquanto a dispersão em torno da crença no amor verdadeiro (Q4) evidencia a oscilação entre a idealização e o pragmatismo no campo relacional, frequentemente mediado por expectativas sociais.

Nos indicadores associados à sombra, 72% dos participantes afirmaram desafiar regras percebidas como injustas (Q5), expressando conteúdos reprimidos, ligados ao impulso de confrontar limites e denunciar incoerências. O uso do humor diante

de dificuldades (68%, Q6) sugere estratégias defensivas de enfrentamento; enquanto a busca por significado (84%, Q7) e a crença na transformação da realidade (80%, Q8) revelam tensões entre vulnerabilidade e potência simbólica, elementos próprios da sombra quando integrados parcialmente à consciência.

Na dimensão *anima/animus*, a preferência por simplicidade de vida (Q9), presente em 60% dos respondentes, indica uma orientação à interioridade e à redução de ruídos externos, movimento típico dessas figuras arquetípicas, que funcionam como ponte para a afetividade, introspecção e autenticidade. Ainda nessa linha, a motivação por desafios (Q10) e a orientação por ideias criativas (Q11), ambas com 64% de concordância, apontam para dinamismos relacionais e imaginativos, articulados à função mediadora desses arquétipos. Já a sensação de desajuste social (Q12), relatada por 48%, indica um conflito entre a interioridade e as expectativas coletivas.

Em relação ao *Self*, 72% dos participantes afirmaram se organizar e planejar o futuro (Q13), expressando uma busca por coerência e integração, elementos centrais do *Self*. O suporte emocional aos outros (87,5%, Q14) reforça esse núcleo organizador da psique. A polarização entre rotina e inquietação (Q15) evidencia tensões internas no processo de individuação; enquanto o consenso sobre o humor como filosofia de vida (91,6%, Q16) indica uma estratégia integradora que facilita o equilíbrio psíquico.

No arquétipo do *puer aeternus*, observou-se uma forte adesão ao conhecimento contínuo (88%, Q17) e à imaginação expansiva (84%, Q18), características centrais do impulso juvenil e visionário desse arquétipo. A evitação de conflitos (76%, Q19) expressa a ambivalência pueril entre o desejo de expansão e a esquiva de responsabilidades; enquanto a hesitação diante da missão de vida (Q20) revela instabilidade típica dessa estrutura.

Por fim, a análise do *trickster* e da autoidentificação global (Q22) mostrou que, embora não haja identificação consciente com esse arquétipo (0%), ele aparece fortemente no comportamento. A disposição para desafiar regras injustas (Q5), o uso do humor em momentos de tensão (Q6), o humor como orientação de vida (Q16) e a evitação de conflitos (Q19) constituem expressões clássicas do *trickster*, que oscila entre irreverência, crítica social e fuga estratégica. Conscientemente, porém, a amostra identificou-se majoritariamente com *persona* e *Self* (35,3% cada), sugerindo uma dissociação entre o que o indivíduo acredita ser e as forças arquetípicas que efetivamente modulam sua ação.

Amplificação simbólica

A análise conduziu-se com base em sete complexos centrais: *persona*, *sombra*, *Self*, *anima/animus*, *puer aeternus* e *trickster*. Cada um será discutido em sua definição clássica e em suas atuações simbólicas nas práticas digitais, como redes sociais, estética juvenil e discursos de identidade. Para compreender como eles se expressam na juventude hiperconectada, pretende-se lançar luz sobre os processos psíquicos que atravessam a construção da subjetividade na era da informação.

A persona digital

Conforme definida por Jung (1954/2013), a *persona* representa a máscara social que o indivíduo utiliza para se adaptar às exigências do meio, funcionando como um mediador entre o *Self* e o mundo externo. Trata-se de um arquétipo que permite ao sujeito desempenhar papéis sociais e construir uma imagem pública coerente com os valores coletivos.

Na cultura digital contemporânea, essa função é amplificada pelas redes sociais, onde os indivíduos gerenciam suas identidades por meio da curadoria de imagens, narrativas e comportamentos idealizados. O ambiente virtual favorece a construção de uma *persona* altamente performática, voltada para o reconhecimento, a validação e o pertencimento (Goffman, 1959; Marwick, 2013).

A geração Z, nativa digital, vivencia essa dinâmica de forma intensa, utilizando plataformas como Instagram, TikTok e Twitter, para expressar versões editadas de si mesmos. A *persona* digital torna-se, assim, uma ferramenta de adaptação simbólica e também um potencial gerador de conflitos psíquicos, na medida em que pode distanciar o sujeito de sua autenticidade e promover comparações constantes com padrões idealizados.

Essa atualização simbólica do arquétipo da *persona* revela como o inconsciente pessoal manifesta-se nas práticas digitais da juventude, evidenciando a tensão entre o desejo de pertencimento e a necessidade de individuação. A gestão da imagem pública, embora necessária, pode obscurecer aspectos profundos da identidade, gerando sofrimento emocional e sensação de inadequação.

A análise dos dados revela uma psique geracional operando sob alta tensão adaptativa. A expressiva concordância com a necessidade de controle (70%) e o desejo de ajudar o outro (70%), associados ao arquétipo da *persona*, não deve ser lida apenas como altruísmo ou liderança, mas como mecanismo de defesa

ante a imprevisibilidade do mundo BANI. Em um ambiente caracterizado pela fragilidade e pela não linearidade, a construção de uma persona socialmente aceita funciona como uma âncora de segurança. Contudo, essa adaptação é intrínseca a uma performance constante, refletindo um imperativo de identidade.

A sombra e os conflitos virtuais

A sombra é um dos complexos centrais da psicologia analítica e representa os aspectos rejeitados, reprimidos ou desconhecidos da personalidade. Segundo Jung (1951/2011), trata-se de conteúdos inconscientes que o ego não reconhece como próprios, mas que influenciam profundamente o comportamento e as emoções. A sombra não é necessariamente negativa, mas sua negação ou projeção pode gerar conflitos internos e interpessoais.

No ambiente digital, esse arquétipo encontra terreno fértil para se manifestar. As redes sociais funcionam como espaços de projeção simbólica, onde conteúdos psíquicos não elaborados são frequentemente externalizados um sobre o outro. Fenômenos como o cancelamento virtual, o *cyberbullying* e os discursos de ódio revelam a atuação da sombra coletiva, em que aspectos indesejados são atribuídos a figuras públicas, influenciadores ou grupos sociais (Freud, 1911/2010; Han, 2018).

A geração Z, marcada pela superexposição e pela busca constante de validação, vivencia intensamente esses conflitos. A pressão pela perfeição e aceitação pode levar à repressão de emoções autênticas, gerando angústia, ansiedade e comportamentos defensivos. A sombra, nesse contexto, emerge como resposta simbólica à inadequação, à frustração e à polarização social.

Além disso, o anonimato e a velocidade das interações digitais favorecem a expressão impulsiva de conteúdos inconscientes, muitas vezes, sem mediação ética ou afetiva. O dado de que 48% dos participantes sentem-se desajustados socialmente, somado aos 72% que desafiam regras injustas, sugere que a sombra da geração Z não é passiva. A projeção da sombra sobre o outro torna-se um mecanismo de defesa coletivo, que reforça a fragmentação das relações e a intensificação do sofrimento psíquico. Ao reconhecer e integrar esses conteúdos, é possível promover maior consciência emocional e ressignificação simbólica, contribuindo para o desenvolvimento de relações mais saudáveis e autênticas.

O Self e a busca por sentido

O Self é considerado por Jung (1951/2011) como o arquétipo da totalidade psíquica e o centro organizador da personalidade. Representa a integração dos opostos internos e o processo de individuação, no qual o sujeito torna-se quem verdadeiramente é, ao reconhecer e integrar os diversos aspectos de sua psique. Diferente do ego, que constitui a consciência individual, o Self abarca tanto o consciente quanto o inconsciente, funcionando como um guia simbólico para o desenvolvimento pessoal.

Na geração Z, o discurso sobre autenticidade, propósito e equilíbrio emocional aparece de forma recorrente, sobretudo em ambientes digitais marcados por alta exposição. No entanto, mais do que indicar um contato efetivo com o arquétipo do Self, tais afirmações parecem refletir um posicionamento socialmente esperado pelo grupo, uma expressão da persona que busca comunicar coerência, maturidade emocional e alinhamento com valores contemporâneos de autocuidado e desempenho. Assim, embora esses enunciados evoquem temas associados ao Self, sua manifestação predominante ocorre no campo da apresentação identitária e não necessariamente em processos internos de integração psíquica (Han, 2015; Twenge, 2017).

Apesar de serem frequentemente associadas à superficialidade, as redes sociais também funcionam como espaços de circulação simbólica, nos quais jovens expressam valores, preocupações emocionais e tensionamentos identitários. No entanto, mais do que indicar uma conexão direta com o Self, tais manifestações parecem operar predominantemente no campo da persona, já que se articulam à apresentação pública de si e à busca por validação social. Em alguns casos, emergem elementos da sombra, como vulnerabilidades expostas, críticas ao próprio comportamento ou tentativas de enfrentamento emocional. Assim, mesmo quando os conteúdos abordam temas como autoconhecimento, meditação ou psicologia, eles refletem sobretudo movimentos iniciais de autorreconhecimento, ainda distantes da relação ego-Self, que requer um processo mais profundo de integração psíquica.

Essa dinâmica não se configura propriamente como uma busca profunda por significado interior, mas como um movimento de enfrentamento e tentativa de adequação às expectativas coletivas. A pressão por autenticidade, frequentemente celebrada como valor da geração Z, opera mais como exigência social do que como expressão de interioridade. Assim, a sensação de inadequação e a ansiedade emergem não por um conflito com o Self, mas por tensões entre a persona, que busca corresponder ao ideal do grupo, e aspectos da sombra, que revelam limites,

angústias e contradições. Nesse cenário, o *Self* não aparece como horizonte de integração, mas como uma referência distante, ainda não acessível em estágios iniciais de autorreconhecimento.

Os resultados da pesquisa sublinham a necessidade de estabilidade em um cenário percebido como instável. O suporte emocional, que apresentou o índice mais elevado de concordância (87,5%), parece refletir menos uma manifestação do *Self* e mais uma expectativa socialmente incorporada, ligada ao papel de ser disponível, empático e confiável. Trata-se, portanto, de uma expressão da persona social, que organiza a forma como o indivíduo acredita que deve agir para corresponder aos valores e demandas do grupo. Dessa maneira, esse comportamento indica mais um movimento de adaptação e aceitação social do que um processo de integração simbólica profunda. Ainda que essa dinâmica possa futuramente abrir espaço para um contato mais autêntico com a interioridade, ela se inscreve, neste estágio, nos níveis iniciais de autorregulação e não na esfera do *Self*.

Anima e animus na fluidez de gênero

Os arquétipos da *anima* e do *animus* não dizem respeito à identidade de gênero, mas a princípios simbólicos e energéticos que estruturam formas específicas de relação com a interioridade. Em Jung (1954/2013), *anima* representa a dimensão da sensibilidade, da imaginação e do vínculo afetivo, enquanto *animus* expressa direção, discernimento e orientação intelectual. Ambos constituem aspectos complementares da psique e simbolizam a polaridade interna, cuja integração é fundamental para o processo de individuação.

Na contemporaneidade, marcada pela crítica a binarismos rígidos e pela ampliação das formas de expressão subjetiva, observa-se não uma mudança da natureza dos complexos, mas uma atualização dos modos pelos quais eles se manifestam simbolicamente. A geração Z, ao questionar normas sociais de expressão e ao ampliar repertórios identitários, não redefine *anima* e *animus* como categorias de gênero, ao contrário, evidencia como esses princípios simbólicos podem emergir de maneira mais flexível, plural e menos associada a papéis socialmente prescritos (Bauman, 2001; Butler, 2004).

Essa transformação cultural pode ser compreendida como uma manifestação arquetípica, na qual os princípios de *anima* e *animus* deixam de ser rigidamente associados a papéis sociais tradicionais e passam a operar como forças simbólicas de integração, criatividade e liberdade psíquica. A fluidez de gênero, nesse sentido, não apenas desafia convenções, como também revela o

potencial de ampliação da consciência e de reconexão com dimensões internas antes reprimidas e padronizadas.

Nas redes sociais, essa expressão simbólica é visível em discursos sobre identidade, estética, afetividade e pertencimento. Influenciadores, artistas e jovens ativistas tornam-se porta-vozes de uma nova linguagem, que ressignifica o masculino e o feminino como potências coexistentes e complementares.

A manifestação desses arquétipos nos dados revela justamente essa ampliação. A preferência pela simplicidade de vida (Q9) e a motivação por desafios (Q10 e Q11) não correspondem a atributos femininos ou masculinos tradicionais, mas à circulação contemporânea de qualidades psíquicas antes rigidamente separadas. Assim como existem imagens masculinas receptivas e simples, como o artesão ou o cuidador, também existem imagens femininas marcadas por ação, direção e coragem, como guerreiras, líderes ou caçadoras. Isso reforça que *anima* e *animus* não descrevem identidades de gênero, mas modos psicológicos de funcionamento que se alternam, se combinam e se transformam de acordo com a experiência subjetiva e cultural.

Essa flexibilidade na manifestação de *anima* e *animus* pode ser compreendida como uma resposta adaptativa às condições identitárias da contemporaneidade, marcada pela fluidez, pela multiplicidade e pela constante renegociação das formas de existir. Em vez de reafirmar papéis fixos, esses princípios operam como forças simbólicas de integração e liberdade psíquica, permitindo que diferentes aspectos, como introspecção, imaginação, ação e determinação, convivam e se reorganizem de acordo com as necessidades emocionais e simbólicas do sujeito.

***Puer aeternus* e a cultura da instantaneidade**

O arquétipo do *puer aeternus*, descrito por von Franz (1970), representa o impulso juvenil voltado para a liberdade interior, a imaginação criativa e a capacidade de renovação. Trata-se de uma figura simbólica marcada por espontaneidade, entusiasmo e abertura para possibilidades, características que a diferenciam do comportamento simplesmente infantilizado ou mimado. Embora o *puer aeternus* possa apresentar dificuldades em lidar com limites e estruturas rígidas, essa tendência não deve ser confundida com a recusa imatura de responsabilidade, que pertence mais ao complexo do *puer* enquanto traço de personalidade não elaborado. No âmbito dos complexos, o *puer* manifesta justamente essas dificuldades de enraizamento, oscilação emocional e esquivas de compromissos; já em sua expressão arquetípica,

mobiliza potência visionária e sensibilidade criativa, funcionando como força psíquica que inspira movimento, transformação e novas perspectivas, ao mesmo tempo em que desafia o indivíduo a equilibrar leveza e responsabilidade.

A cultura da instantaneidade, alimentada pelas redes sociais e pela lógica do consumo rápido de conteúdo, favorece comportamentos de experimentação, mobilidade e resistência a modelos convencionais de estabilidade (Lipovetsky, 2005; Twenge, 2017). Os dados confirmam a prioridade dada à expansão em detrimento da rigidez; o valor do conhecimento contínuo obteve 88% de concordância, e a facilidade de imaginação de novos mundos atingiu 84%. Essas taxas apontam para a natureza criativa e exploratória do *puer*, buscando constantemente a inovação e o rompimento de limites.

Jovens dessa geração tendem a valorizar experiências efêmeras, múltiplas possibilidades e estilos de vida alternativos, o que pode ser interpretado, não como expressão direta do *puer aeternus* em sua forma criativa, mas como manifestação do complexo do *puer*, que se caracteriza por impulsividade, dificuldade de enraizamento e oscilação entre entusiasmo e dispersão. Ao mesmo tempo, tornam-se evidentes desafios relacionados à construção de vínculos duradouros e à definição de projetos de vida, aspectos que demandam maior estabilidade emocional e capacidade de sustentação interna. A presença do *puer* na psique da juventude digital revela, simultaneamente, um potencial imaginativo e exploratório e uma vulnerabilidade diante de um mundo marcado pela instabilidade, pela rapidez das mudanças e pela sobrecarga contínua de estímulos.

Trickster: humor, crítica e transgressão

O arquétipo do *trickster* é descrito por Jung (1956/2011) como uma figura ambígua, irreverente e transgressora, que atua nos limites entre o caos e a ordem, desafiando convenções e revelando verdades ocultas por meio do humor e da ironia. Presente em mitologias de diversas culturas, o *trickster* encarna a astúcia, a instabilidade e a capacidade de provocar rupturas simbólicas.

Na cultura digital, esse arquétipo encontra expressão especialmente nas práticas comunicacionais da geração Z, como os *memes*, as sátiras, os vídeos humorísticos e os comentários irônicos. Esses elementos funcionam como válvulas simbólicas de crítica social, desconstrução de autoridade e enfrentamento das tensões cotidianas (Han, 2018; Shifman, 2014).

O *trickster* digital opera como um agente de transformação, utilizando o riso como ferramenta de resistência e ressignificação.

Ao ironizar padrões normativos, expor contradições e provocar reflexões, esse arquétipo contribui para a elaboração simbólica de conteúdos psíquicos que, de outra forma, permaneceriam reprimidos ou não verbalizados.

Entre os jovens da geração Z, o humor é frequentemente utilizado como estratégia de enfrentamento emocional, expressão de identidade e construção de pertencimento. Nesse contexto, a irreverência não se limita a uma superficialidade performática: quando produz transformação subjetiva, permitindo ao jovem ressignificar experiências, reduzir a tensão emocional ou questionar normas estabelecidas, ela opera como ferramenta legítima de elaboração psíquica. Caso contrário, permanece apenas como reprodução das piadas do grupo, sem produzir deslocamento interno ou reflexão crítica.

Embora nenhum participante tenha se identificado conscientemente, os dados comportamentais sugerem que ele opera de modo implícito no cotidiano desses jovens. A adesão massiva ao humor como filosofia de vida, possivelmente funcionando como uma estratégia rebelde típica da adolescência que contesta normas por meio da irreverência (91,6%), e a capacidade de rir mesmo em situações de dificuldade, algo que exige certo grau de maturidade emocional para transformar tensão em leveza (68%), evidenciam o *trickster* como um regulador homeostático da psique contemporânea.

Compreender o papel do *trickster* na psique da juventude digital permite reconhecer a potência simbólica do humor como ferramenta de individuação, crítica e transformação. A figura do bobo da corte aprofunda essa compreensão, ao representar, historicamente, aquele que podia expor verdades incômodas por meio do riso, revelando contradições, tensionando excessos de poder e permitindo que temas delicados se tornassem pensáveis. Sua função real não se limitava ao entretenimento, mas incluía a mediação de conflitos e a restauração do equilíbrio emocional e social.

Da mesma forma, o *trickster* contemporâneo, presente nos *memes*, na ironia e na irreverência característica da geração Z, desafia normas e amplia possibilidades de interpretação da realidade. Ao promover deslocamentos simbólicos e emocionais, ele contribui para a construção de subjetividades mais livres, conscientes e criativas, atualizando a função ancestral do bobo da corte na dinâmica psíquica do mundo digital.

Os arquétipos e a contemporaneidade

Esta análise demonstrou como as estruturas simbólicas propostas por Carl Jung permanecem vitalmente ativas e se atualizam na psique da geração Z, em meio à cultura digital contemporânea. A persona digital revela a constante tensão entre autenticidade e performance; a sombra projeta-se nos conflitos e na polarização virtual; e o *Self* emerge como a busca incessante por sentido e totalidade em um mundo fragmentado. De maneira notável, a fluidez de gênero expressa a desvinculação de *anima* e *animus* dos papéis sociais rígidos, integrando-os como forças de liberdade psíquica. Paralelamente, o *puer aeternus* manifesta-se na velocidade da cultura da instantaneidade, trazendo consigo tanto a potência criativa quanto a vulnerabilidade diante da instabilidade. Por fim, o *trickster* atua como um poderoso agente de crítica e transformação, utilizando o humor e a transgressão digital como válvulas de resignificação.

A geração Z é, de fato, a primeira geração integralmente nativa digital, cuja experiência é marcada por hiperconexão, identidade fluida e vulnerabilidade psíquica. Seu modo de funcionamento está intimamente vinculado ao paradigma do mundo BANI, dado que vivem diretamente essas dimensões. Por essa razão, compreender a psique dessa geração demanda integrar tanto a psicologia analítica de Carl G. Jung quanto modelos socioculturais contemporâneos.

De acordo com Cascio (2020), esse modelo do mundo “BANI” traduz a experiência de um tempo psíquico fragmentado e volátil, em que a incerteza torna-se o estado emocional dominante, favorecendo o surgimento de padrões arquetípicos de defesa e adaptação diante do caos. Zygmunt Bauman (2001) fala da modernidade líquida, na qual vínculos humanos, instituições e identidades perdem a solidez, transformando-se em relações frágeis e transitórias.

Essa fluidez social e afetiva gera um sentimento de precariedade existencial que repercute na psique da geração Z, cuja identidade é constantemente reconfigurada nas redes digitais e marcada pela ausência de estabilidade simbólica. Byung-Chul Han (2015), por sua vez, na obra “Sociedade do cansaço”, descreve o paradigma neoliberal da autoexploração, em que o sujeito contemporâneo internaliza a lógica de desempenho, transformando-se simultaneamente em explorador e explorado de si mesmo. Entre os jovens hiperconectados, esse imperativo de produtividade e visibilidade produz exaustão emocional, ansiedade e um sentimento de vazio, configurando uma crise de sentido e de integração psíquica.

A conjunção entre o mundo BANI (Cascio, 2020) e os conceitos de modernidade líquida (Bauman, 2001) e sociedade do cansaço (Han, 2015) delinea o pano de fundo simbólico que molda a experiência subjetiva da geração Z, promovendo um cenário psíquico de vulnerabilidade emocional e intensificação arquetípica. A cultura digital atua como um campo fértil para a emergência e a transformação dos arquétipos, ao traduzir imagens universais em linguagens visuais e interativas. Conforme Marshall McLuhan (1964), os meios tecnológicos não apenas veiculam mensagens, como moldam o próprio modo de pensar e sentir, ampliando a expressão simbólica da psique coletiva.

Os arquétipos junguianos atualizam-se nas narrativas midiáticas e na estética juvenil contemporânea por meio de personagens, influenciadores e ícones digitais, que incorporam figuras simbólicas da psique coletiva, como o herói, o rebelde, o sábio e o *trickster*, reproduzindo mitos ancestrais sob novas formas (Campbell, 1949; Jung, 1964). As redes sociais, por sua vez, tornam-se espaços de projeção e experimentação simbólica, onde o inconsciente coletivo manifesta-se por meio da linguagem imagética e dos rituais de compartilhamento (Han, 2015).

Integração teórica: psíquica e sociocultural

Os arquétipos não estão fora de moda, mas se manifestam em novas formas simbólicas digitais como influenciadores, memes e avatares, que ajudam na elaboração psíquica perante um mundo instável. A moderna fluidez identitária e a fragilidade das instituições sociais atuam como terreno simbólico no qual a psique dessa geração busca raízes e sentidos. A incerteza ativa mecanismos defensivos, como a regressão arquetípica, e adaptativos, como a construção de identidades múltiplas e transitórias.

A cultura digital não é mero veículo, mas um ambiente simbólico formativo da psique coletiva contemporânea. Nesse ambiente, a geração Z é, simultaneamente, sujeito e objeto das tecnologias, confundindo os limites entre o produtor e o consumidor de sentido. A superexposição tecnológica, a pressão à visibilidade e a fragilidade dos vínculos contribuem para um terreno psíquico hostil, marcado por ansiedade crônica e precariedade existencial. Essas condições favorecem a emergência de defesas arquetípicas e novas formas de simbolização.

Essas manifestações possuem implicações clínicas relevantes. Intervenções psicológicas com jovens devem considerar a tensão entre persona e autenticidade, promovendo reflexões sobre identidade digital e estratégias para reduzir a dependência da

validação externa. A integração da sombra pode ser favorecida por abordagens que acolham afetos reprimidos e trabalhem projeções, evitando que se transformem em conflitos interpessoais. O fortalecimento do *Self* requer práticas que estimulem a construção de sentido, especialmente em cenários marcados pela lógica de autoexploração. A dinâmica *anima/animus* sugere a importância de espaços terapêuticos que validem expressões identitárias plurais; enquanto o manejo do *puer* demanda equilíbrio entre a liberdade criativa e o desenvolvimento de tolerância à frustração. Finalmente, o reconhecimento do *trickster* como recurso simbólico permite utilizar o humor de forma terapêutica, transformando tensões em linguagem compartilhável e favorecendo processos de individuação.

Ao integrar essas dimensões, a clínica contemporânea pode oferecer respostas mais sensíveis às demandas da juventude digital, contribuindo para a redução de sintomas de ansiedade, exaustão e desajuste e promovendo estratégias adaptativas que sustentem a autonomia e o bem-estar em um mundo instável.

Considerações finais

Este artigo buscou compreender como determinados fenômenos vividos pela geração Z podem ser interpretados simbolicamente à luz da psicologia analítica. Inseridos em um contexto marcado pela hiperconectividade, pela fragilização das referências socioculturais e pelas pressões emocionais do mundo BANI e da sociedade do cansaço, os jovens constroem modos de existir permeados por tensões, ambiguidades e reinvenções constantes. Os indicadores conscientes apresentados ao longo do trabalho, serviram apenas como ponto de partida para o exercício reflexivo, funcionando como elementos que convidam à amplificação simbólica e à articulação teórica. A partir dessa leitura, tornou-se possível reconhecer que temas como a busca por autenticidade, contestação de normas, humor como estratégia de enfrentamento, fluidez identitária e valorização da criatividade, encontram ressonância em imagens arquetípicas, que atravessam a psique humana de modo atemporal, sem que isso implique inferência empírica ou causal.

A interpretação simbólica realizada aqui sugere que a geração Z vivencia um campo psíquico intensamente marcado por paradoxos: a necessidade simultânea de liberdade e pertencimento, de singularidade e reconhecimento, de estabilidade e reinvenção. A psicologia analítica, ao oferecer uma compreensão ampliada das dinâmicas subjetivas, contribui para identificar tanto os potenciais quanto as vulnerabilidades que emergem desse contexto.

As informações declarativas não permitem acessar diretamente camadas inconscientes, e a natureza não probabilística da amostra impede generalizações. Ademais, a amplificação simbólica não pretende explicar causalmente os fenômenos, mas oferecer vias interpretativas que ampliem o sentido e aprofundem a compreensão da experiência juvenil contemporânea. Futuras investigações podem aprofundar essas questões por meio de abordagens qualitativas sensíveis a produções simbólicas espontâneas, como narrativas pessoais, materiais imagéticos e relatos clínicos, permitindo diálogos ainda mais refinados entre os desafios da juventude e as dinâmicas arquetípicas.

Assim, este artigo reafirma que os complexos, longe de constituírem abstrações distantes, continuam a atravessar e ressignificar as práticas, tensões e expressões subjetivas da vida contemporânea. Compreendê-los significa reconhecer como essas imagens simbólicas iluminam o processo de individuação e os modos pelos quais os jovens constroem sentido, pertencimento e identidade em um mundo em constante transformação.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Routledge.
- Campbell, J. (1949). *The hero with a thousand faces*. Princeton University Press.
- Cascio, J. (2020). *Facing the age of chaos* [Blog]. Medium. Recuperado em 08 de junho de 2026, de <https://medium.com/@cascio/facing-the-age-of-chaos-b00687b1f51d>.
- Freud, S. (2010). *Os mecanismos de defesa do inconsciente* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 11). Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. Anchor Books.
- Han, B.-C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Han, B.-C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Vozes.
- Henderson, J. L. (1964). Ancient myths and modern man. In C. G. Jung (Ed.), *Man and his symbols* (pp. 104-157). Doubleday.
- Jung, C. G. (1964). *O homem e seus símbolos*. Vozes.
- Jung, C. G. (2000). *A natureza da psique* (Trabalho original publicado em 1954-1958). Vozes.
- Jung, C. G. (2011). *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (OC, Vol. 9/2). Vozes. (Trabalho original publicado em 1951).

- Jung, C. G. (2011). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1, 9a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1956).
- Jung, C. G. (2013). *O eu e o inconsciente* (OC, Vol. 7, 22a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1954).
- Knox, J. (2003). *Archetype, attachment, analysis: Jungian psychology and the emergent mind*. Routledge.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Manole.
- Marwick, A. (2013). *Status update: celebrity, publicity, and branding in the social media age*. Yale University Press.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media: the extensions of man*. McGraw-Hill.
- Shifman, L. (2014). *Memes in digital culture*. MIT Press.
- Stein, M. (1998). *Jung's map of the soul*. Open Court.
- Twenge, J. M. (2017). *iGen*. Simon & Schuster.
- von Franz, M.-L. (1970). *Puer aeternus*. Spring Publications.
- World Health Organization. (2021). Mental health of adolescents. Recuperado em 08 de junho de 2026, de <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>.

Minicurrículos:

Silvia Regina Bergantín Muñoz – especialização em Psicanálise pela Escola de Psicanálise Aplicada e Psicologia Junguiana pela Faculdade de Ciências da Saúde; graduação em Psicologia pela Universidade Anhembi Morumbi; graduação em Pedagogia pelo Instituto Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atua na área de gestão estratégica e desenvolvimento humano. E-mail: srbmunoz@uol.com.br.

Marcello de Santis Almeida Mazalli – Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo (USP); pós-graduando em Neurociência pela Faculdade Sírio-Libanês; graduação em Psicologia pela Universidade Anhembi Morumbi. Aperfeiçoamento em Saúde Digital pela Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNASUS). Dedicar-se à interface entre psicanálise, literatura e subjetividade, com ênfase na psicogerontologia, luto e diversidade sexual e de gênero. E-mail: marcellomazalli@gmail.com.

Márcia Cristina dos Reis – professora titular, pesquisadora e orientadora na Universidade Anhembi Morumbi. Mestrado em Hospitalidade e especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Anhembi Morumbi; formação em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC). Psicóloga. Dedicar-se a temas voltados à saúde mental, desenvolvimento humano e saúde do trabalhador.